

A Roseana de Minas

A campanha eleitoral deste ano está derrubando um mito atrás do outro. O primeiro foi a candidatura presidencial de Roseana Sarney pelo PFL. Ela surgiu no final do ano passado como um nome fulgurante, capaz de derrotar até o favorito, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Foi abatida em pleno vôo. Por mais que a ação da Polícia Federal em sua empresa esteja cercada de coincidências que sugerem a montagem de um esquema prévio para desmoralizá-la, o certo é que suas perdas eleitorais parecem irreversíveis a essa altura da campanha.

O outro mito eleitoral derrubado é o do governador de Minas Gerais, Itamar Franco. No ano passado, ele era considerado um protagonista no processo sucessório. Tudo parecia girar em torno de suas decisões. Dizia-se que, se Itamar fizesse tal coisa, o quadro eleitoral seria esse. Se fizesse diferente, seria aquele. Com o PMDB prestes a fechar uma aliança com o PSDB em torno da candidatura do senador José Serra, Itamar, como Roseana, terá de se preocupar em cuidar da própria casa.

Em certa medida, o PFL de Roseana e o PMDB de Itamar foram vítimas da mesma máquina de triturar candidaturas em favor do candidato do PSDB. A diferença é que contra Roseana o ataque foi fulminante. Contra Itamar, foi a contagotas. A cúpula peemedebista, favorável desde o começo a uma aliança com o governo, não poupou esforços para inviabilizar uma possível candidatura de Itamar a presidente. Adiou convenções e programas partidários e sempre colocou em dúvida a capacidade eleitoral do partido em disputar sozinho a eleição. O partido nunca moveu uma palha para fazê-lo candidato de fato.

Mas, ao contrário de Roseana, que foi surpreendida pelo impacto do ataque que detonou sua candidatura, o próprio Itamar deu sua contribuição pessoal para se tornar um coadjuvante no cenário atual. Nesse aspecto, contrariou até a história, que sempre deu ao governador de Minas Gerais, pelo tamanho do eleitorado, um papel fundamental em qualquer eleição presidencial. Até os peemedebistas que insistiram em seu nome para presidente jogaram a toalha.

Na semana passada, na reunião do Rio de Janeiro, o senador Pedro Simon (RS) chegou a propor que ambos saíssem do encontro com uma chapa fechada. Simon colocava-se na condição de vice. Itamar titubeou. Disse que preferia tomar uma decisão numa data mais próxima do prazo de desincompatibilização, em 5 de abril. Terminava ali qualquer esperança de candidatura própria. "Se Itamar quisesse, teria sido candidato. Tinha apoio, mas não se empenhou", diz um ressentido peemedebista da turma de oposição.

Itamar namorou Ciro Gomes, do PPS, flertou com Lula e até com José Serra, logo depois da oficialização da candidatura tucana. Foram tantos os sinais contraditórios emitidos pelo governador que seus próprios aliados se cansaram de "empurrar a candidatura". Um dos mais ferrenhos defensores do seu nome, o ex-governador Orestes Quércia, chegou a comentar que ele se comportava como Jânio Quadros ao renunciar à Presidência da República em 1961. Esperava que o povo se mobilizasse para garantir-lhe a volta ao poder. O povo não se mobilizou. E Itamar voltou para casa.

NOME NOVO

Há pelo menos uma certeza entre PSDB e PMDB na escolha do candidato a vice na chapa de José Serra. Tem de ser um nome do Nordeste. De cara, isso excluiu o senador gaúcho Pedro Simon. O preferido ainda é o governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos. Esta semana, ele vem a Brasília para um encontro decisivo com o presidente da legenda, deputado Michel Temer. Como é pouco provável que aceite, pela dificuldade em conciliar interesses locais, outros nomes estão sendo colocados na mesa pelo PMDB. O mais recente é o do deputado federal Benito Gama, da Bahia, arquiinimigo de Antônio Carlos Magalhães.

